

OBRAS E ESPÓLIO DA
CASA DA LIBERDADE

EVOCANDO MÁRIO CESARINY

10 ANOS SOBRE A MORTE
DE MÁRIO CESARINY
3º ANIVERSÁRIO DA
CASA DA LIBERDADE



EVOCANDO
MÁRIO
CESARINY





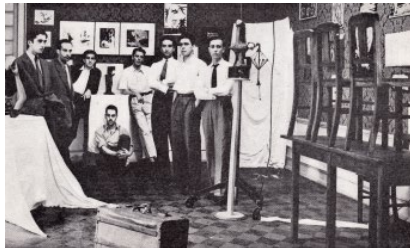
Mário Cesariny

Intervenção plástica s/portas de madeira (da sua casa, em Lisboa)
215x101cm, 1982-2006 | CSY057

Cronologia (em formato narrativo)

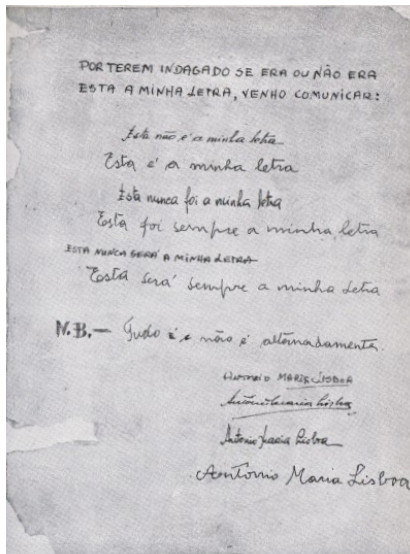
da ligação da Casa da Liberdade - Mário Cesariny e da Perve Galeria a “Os Surrealistas”

No catálogo da exposição que celebrava o 5º aniversário da Perve Galeria,, em 2005, definia a perspectiva sobre o público que pretendíamos atingir e aquelas que continuo a considerar serem as directrizes fundamentais deste projecto e do trabalho que havia sido desenvolvido desde a fundação, no ano 2000, e a partir do qual deveríamos procurar renovar(-nos) e transformar mas também do espírito típico dos homens livres, conforme a tenho bebido ao longo dos anos em seres humanos extraordinários, como Mário Cesariny - inspiração maior da Casa da Liberdade: “Ganhando a estima de algum público – sobretudo aquele que nos interessa, que sabe e quer conversar sem televisão à mesa, que se perde nas horas a olhar um quadro, a ver um documentário, feito aqui, sobre este ou aquele autor, que saboreia o café, aqui, que lê um livro, de poesia, ensaio, arte, aqui, que compra ou não (compra) (...), que, independentemente disso, vive nas histórias das obras e nas dos seus autores. Aprecia, verdadeiramente, aquilo que para nós tem sido uma dádiva de sanidade neste mundo quase em farrapos. E nós agradecemos pelo simples facto de que, assim, sabemos não estar sós”. Nas próximas páginas, e aproveitando a já extensa rede de abordagens ao Surrealismo e à vitalidade sempre presente dos seus principais representantes, falarei justamente destas questões: das obras, dos livros e da possibilidade de, dialogando, não ficarmos sós quando, citando Pasolini, parece apagar-se a luz dos pirilampus.



1ª exposição de “Os Surrealistas”

Sala de projecções da Pathé-Baby, Lisboa, 1949



António Maria Lisboa

Documento-manifesto afixado na 1ª exposição de “Os Surrealistas”, na Sala de projecções da Pathé-Baby, Lisboa, 1949

Dessa exposição, começo por destacar a presença do próprio Cesariny. Muito se disse já a seu respeito, a partir de muitas perspectivas e segundo vozes mais ou menos iluminadas. Menos se terá escrito sobre a sua estatura emotiva, a sua dimensão enquanto ser (humano e espiritual). Creio haver observado, ao longo do tempo em que tive o privilégio de com ele privar, uma mutação admirável - de astro-estrela em pose para o admirador admirado, a homem verdadeiro com dúvidas, carne, sangue, suor, tristeza, espanto, alegria súbita e autêntica e, isto o mais impressionante, necessitando do acto criador, da matriz, do fazer artístico como a essência fundamental da existência, mais importante que comer, tão vital como respirar, fundante como as primeiras memórias, inabalável como a certeza de estar vivo. O relógio que nessa exposição se apresentou (1), e que o Mário conservara a partir da memória familiar, recuperando os tempos de jovem em que era o olhar hipnótico do pêndulo do relógio a marcar o ritmo da sua relação com os pais, num tempo muito difícil, é um sinal dessa inscrição permanente do ser na obra e, desta, na sua memória e na existência vivida, tanto na proximidade como na distância. Essa primeira exposição também dava abertura para uma série de outros diálogos que consideramos fundamentais para a devida compreensão do Surrealismo em Portugal, contra as vozes que teimam em anunciar a sua insignificância, que lhe vaticinam um atraso histórico irreparável ou que continuam a desvalorizar o seu legado, não reconhecendo a importância do seu



(1) Mário Cesariny

Sem Título (Relógio de parede)

Pintura s/ madeira 75x28x16cm, n.d.



(2) Mário Cesariny

Palavras Actos de António Maria Lisboa, Técnica mista s/madeira, 26x30cm, n.d.

impacto, não apenas em Portugal mas no contexto vasto do mundo, também no da Lusofonia. Destaco alguns aspectos: o propiciar de colaborações entre surrealistas portugueses e internacionais, a relação profícua entre companheiros de aventura surrealista, por cá, e a relação crítica, assertiva, com alguma da tradição nacional. Veja-se, quanto ao primeiro caso, «Palavras Actos - diz António Maria Lisboa» (2), em que Cesariny coloca A. M. Lisboa e Antonin Artaud em diálogo consonante.



Mário Cesariny, - Sem Título
Tinta de escrever e café sobre papel
16x14,5 cm, circa 1950 | CSY 060

*“Afinal o que importa não é a literatura
nem a crítica de arte nem a câmara escura”*

Quanto ao segundo aspecto, é de salientar a importância da colaboração com Mário-Henrique Leiria, um importante artista do Surrealismo português, que ultrapassa em muito o mero contexto das dissidências e do seu suposto afastamento a partir de meados da década de 1953. A verdade é que em 1961, em colaboração com Cesariny, realizaram a obra “Passagem do Séc. XIX por Emile Henry”, que também aqui se apresenta (3).

É conhecida a relação paródica de Cesariny com Fernando Pessoa. Nessa exposição, constavam (tal como agora) duas versões de “Fernando Pessoa Ocultista” (4), nomeadamente a escultura original em gesso pintado pelo autor e o seu múltiplo em bronze. Chama-se à atenção para a ênfase dada por Cesariny, tanto para a importância da figura pessoana, como para os vários aspectos da sua rede de interesses que estando na altura – como ainda hoje – muito na moda nunca foi devidamente explorado. Esta obra obedeceu a um processo que só por si é já eloquente da dedicação de Cesariny e a sua tendência para produzir releituras de um mesmo trabalho, em diferentes momentos. A partir de um desenho de sua autoria, de 1957, Isabel Meyrelles realizaria, em 1981, a escultura em gesso que se reproduz, de cuja pintura o próprio Mário se ocupou, e que depois estaria na origem da respectiva versão em bronze.



(3) Mário Cesariny

Passagem do Séc. XIX por Emile Henry
Realizado com Mário Henrique Leiria
Óleo s/madeira prensada /30x20cm, 1961



(4) Fernando Pessoa ocultista

Escultura original em gesso pintado
Executada por Isabel Meyrelles
sob desenho original de Cesariny,
pintado pelo autor
33x11x14cm, 1957-1981 | CSY 007



Fernando Pessoa ocultista

Bronze, Prova de Autor.
Realizada a partir de escultura original
em gesso, executada por Isabel Meyrelles,
sob desenho (datado de 1957) e orientação
de Mário Cesariny
33x11x13cm, 1981, CSY 009 -2

*“Afiml o que importa não é bem o negócio
nem o ter dinheiro ao lado de ter horas de ócio”*



(5) Raúl Pérez

Sem título

Óleo s/ tela, 70x50cm, 1963

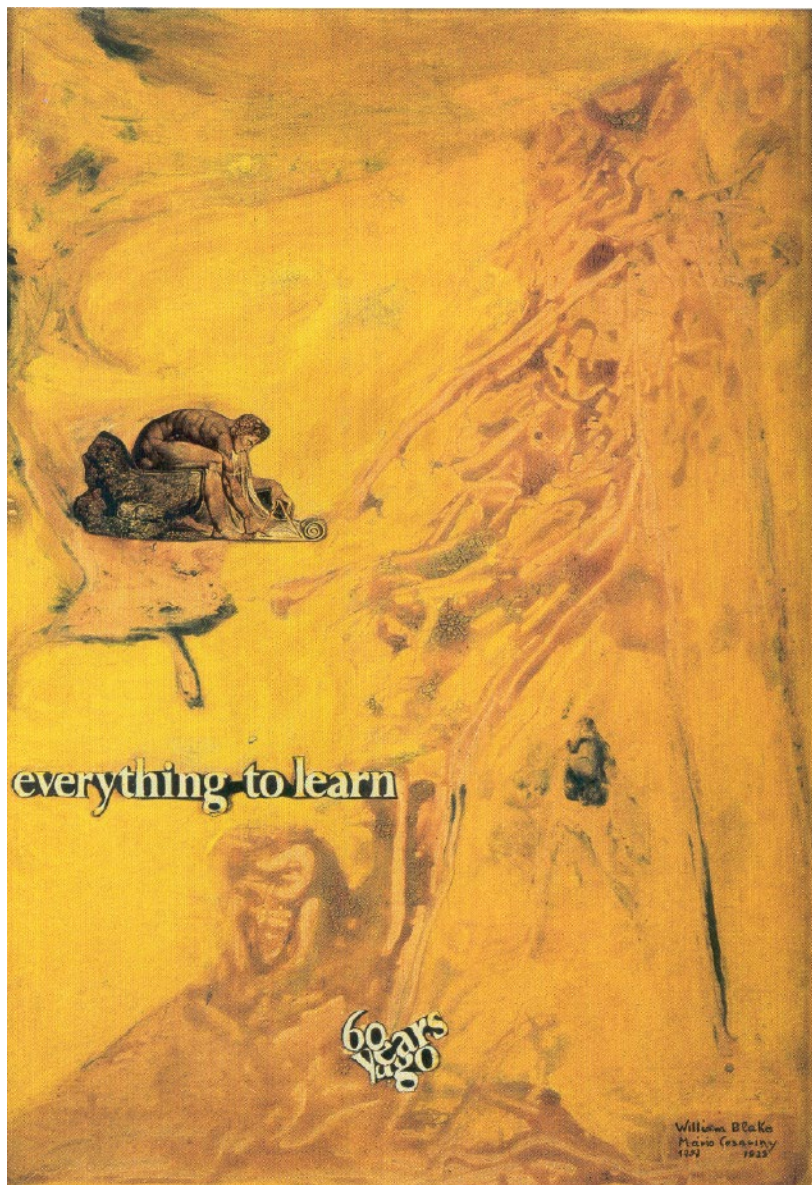


(6) Raúl Pérez

Sem título, Tinta da china

e gouache s/ papel, 17x19cm, 1974

Nessa exposição, foram também apresentadas obras de um pintor também relevante para a posterior construção imagética do Surrealismo em Portugal, Raul Perez. Embora não tendo sido apreentados nessa ocasião, não quero deixar de referir duas obras que considero particularmente interessantes (5 e 6) por exibirem de forma clara diferentes momentos na evolução da construção plástica do artista. O primeiro, de 1963, exprime um momento de transição em que era ainda muito presente a marca da influência de René Magritte, com o seu surrealismo mais objectivante e o potencial de trabalhar a partir das ambiguidades e duplicidades da representação do real. O segundo, de 1974 (provavelmente já posterior à Revolução dos Cravos), apresenta a mais evidente herança de pintores como De Chirico, Salvador Dalí ou Artur do Cruzeiro Seixas, ao mesmo tempo que trata aspectos importantes da obra do artista como a representação de alguma forma devedora de um imaginário autorepresentativo ou a presença, ainda que subtil, de um erotismo que noutras obras será muito mais evidente.



Mário Cesariny - Everything to learn 60 years ago
Colagem e ovo sobre papel colado em madeira. 1968, 55 x 37 cm | CSY090

Cabe-me agora fazer a devida homenagem aos três artistas que em 2006 participaram no importantíssimo acontecimento que foi a exposição “Cesariny, Cruzeiro Seixas e Fernando José Francisco – e o passeio do cadáver esquisito”, que reuniu obras originais, realizadas entre 1941 e 2006, momento em que os três artistas realizaram 12 Cadavres Exquis recorrendo ao consagrado processo típico do Grupo Surrealista de Paris, liderado por André Breton. Esta exposição marcou o reencontro entre os três artistas, após 55 anos de afastamento, o que também permite exibir a singularidade vital da sua criatividade e do sentido artístico que permaneceu nos três. Nesta ocasião se provou que a “Revolução Surrealista” proposta pelo autor dos Manifestos do Surrealismo em 1924 continua a ser uma pedra de toque fundamental dos artistas que, em Portugal, abraçaram o Surrealismo desde a década de 40, permanecendo num esforço de resistência que sobreviveu a todos os diferentes movimentos de interesses, antes e depois da Revolução, que procuraram silenciar a necessidade de expressão, subconsciente em estado puro num processo de automatismo psíquico (e emocional) que é, afinal, uma proposta de revolução permanente, libertadora, atenta a todos os ideais pacifistas, enquadrada nas mais legítimas aspirações do indivíduo, especialmente quando confrontado com a ditadura da pseudo-vontade das massas. A ideia de fazer uma exposição que reunisse os três fundadores de “Os Surrealistas”



Mário Cesariny, A primeira lição

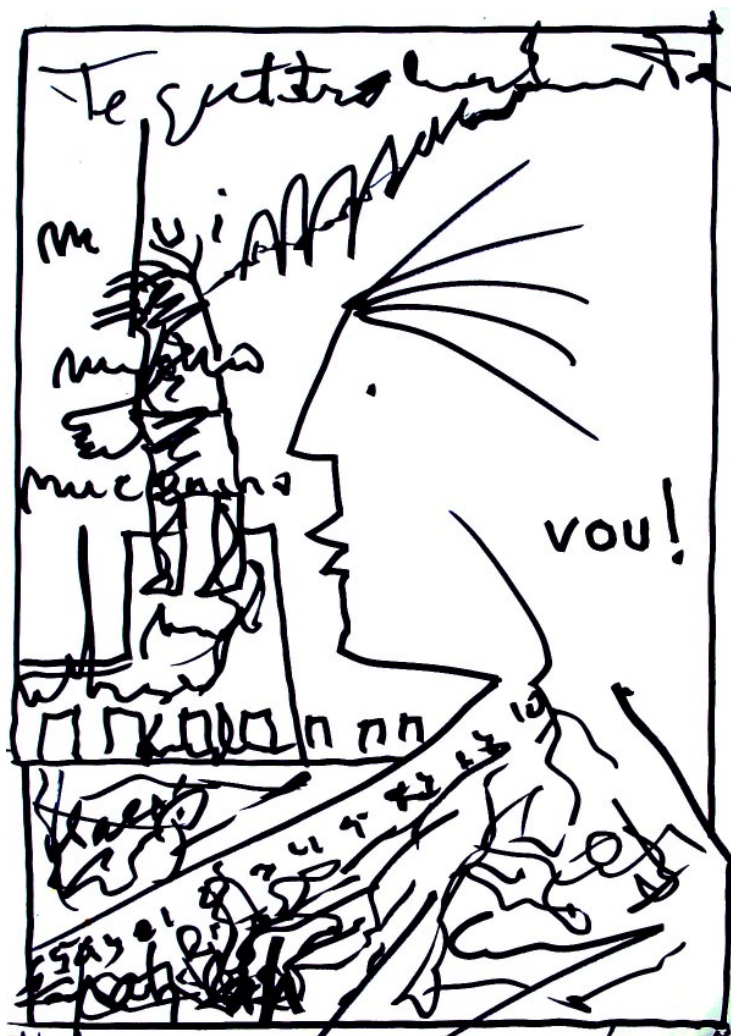
Marcador s/ papel
50x30 cm, n.d. | CSY 054



Mário Cesariny, 3,1416

Marcador e óleo s/ papel
50x30 cm, n.d. | CSY 048

surgiu, mal comparando, como a maçã a Isaac Newton. Eles, Cesariny e Cruzeiro Seixas, haviam dito inúmeras vezes, cada um à sua maneira, que “de entre todos nós, o Fernando José Francisco, era o melhor”, o que mais prometia vir a ser um grande artista mas que “para casar, teve de largar a pintura e arranjar um emprego a sério” e desapareceu. Não mais se reuniram. Tanto Cruzeiro Seixas



Mário Cesariny - Vou!
 Marcador s/ papel
 50x30 cm, n.d. | CSY 055

*“Afinal o que importa não é ser novo e galante
- ele há tanta maneira de compor uma estante”*

como Cesariny, que tanto discordam acerca de tudo ou quase, diziam exactamente a mesma coisa: “O Fernando era o melhor”. Decidi procurar saber mais e, se possível, conhecer pessoalmente Fernando José Francisco. Não foi nada fácil mas valeu a dificuldade pois o primeiro quadro que vi em casa dele (“Ecce Homo”) confirmou a suspeita de haver pintura séria, feita de verdade e surrealismo. Comecei por perguntar-lhe se queria fazer uma exposição. Disse-me: não. Voltei, passados dias, tornando a insistir. Não, que estava velho e doente, ouvia mal, via pior e sofria de asma crónica (desde sempre). E eu a fazer-lhe ver que era importante sair da concha. Não. E daí a tempos: sim - quando lhe falei do projecto a três. Olhos iluminados, quando diz “com os meus amigos, gostava”. Isto, claro, só possível por primeiramente haver falado com os amigos dele e meus. Que me deram um sim munido de avisos de obra difícil: “o Fernando talvez não tenha voltado a pegar nas tintas e não haja nada” ou “talvez ele não queira voltar a expor”. Mas, se ele quisesse, “seria maravilhoso” (C. Seixas) e “única razão para voltar à pintura” (Cesariny). Ficou estabelecido. Iria haver exposição. Só tinha de tratar do resto. Entretanto veio a ideia de celebrar o reencontro com “cadáveres esquisitos”. Como não se sentiam com energia para encontros (custa tudo, desde o andar ao falar), poderia haver trabalho de grupo sem o grupo se reunir. Eu faria de estafeta e trataria de levar os cadáveres a passear (Verão, praia) à Costa da Caparica, ao encontro com Cesariny. Lá ficaram, à espera do toque afectuoso. Depois de completada



Mário Cesariny - Sem Título,
Tinta-da-China, café e aguada sobre papel, 14,5x12cm, 1959 | CSY 059

a parte de um, logo tratava de a tapar, deixando apenas visíveis as pontas das linhas que outro se encarregaria de continuar. Entretanto, havia sido combinado que cada um iniciaria o mesmo número de cadáveres e, volta e meia, o número aumentava. Chegou aos doze e são magníficos. O cadáver esquisito que apresento aqui é um testemunho único desse encontro fraternal (7).

Em 29 de Julho 2009, numa entrevista a As Artes entre as Letras, respondia do seguinte modo a uma pergunta relacionada com a importância das artes plásticas no Surrealismo: “Pode dizer-se, sem exagero, que é uma proposta de revolução poética e plástica, mas também social, cujos ecos ainda hoje é possível ver e ouvir em muitas das manifestações artísticas e sociais contemporâneas. Diria mais: que é uma aventura que, longe de terminada, se renovou, pese embora os seus novos inventores já não terem a designação de Surrealistas. O Artur do Cruzeiro Seixas dizia recentemente e eu não podia estar mais de acordo que ‘o Surrealismo tem, necessariamente, de evoluir’, de modernizar-se, e isso, de facto, tem acontecido. (...) Em todo o caso, a questão central proposta pelos Surrealistas mantém-se actual: construir uma sociedade assente numa trilogia de ‘Amor, Liberdade e Poesia’. Hoje, talvez, se possa (e deva!?) acrescentar mais alguns pilares – Globalismo, Altruísmo, Arte, Sustentabilidade – e recuperar, do ideário da Revolução Francesa a Fraternidade e a Igualdade, tudo valores, ideais, hoje muito em falta mas, simultaneamente, mais e mais essenciais à estabilização da espécie humana no seio do planeta e em si mesma”.



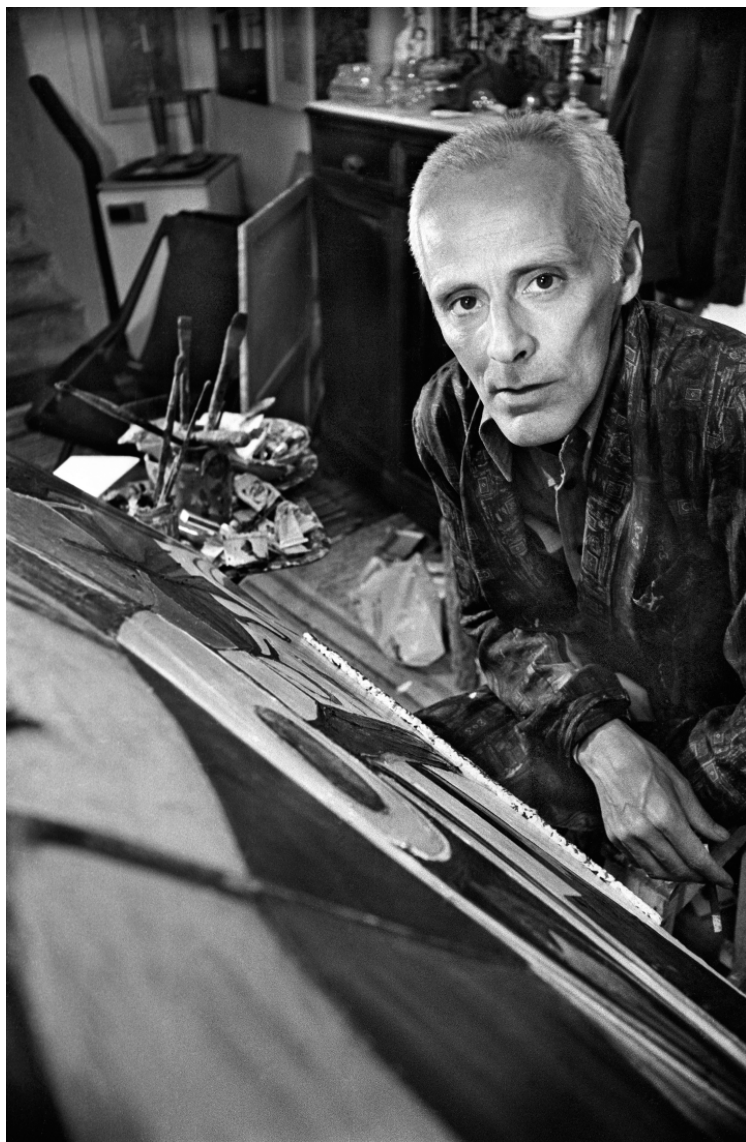
Mário Cesariny, Sem Título,

Tinta de escrever e tinta-da-china sobre papel,
15,4x21,1cm, 1948 | CSY 074



(7) Mário Cesariny, Fernando José Francisco, Cruzeiro Seixas

Sem Título - Cadáver Esquisito, Técnica mista s/
papel, 25,5x35,5cm, 2006 CESQ_CS3

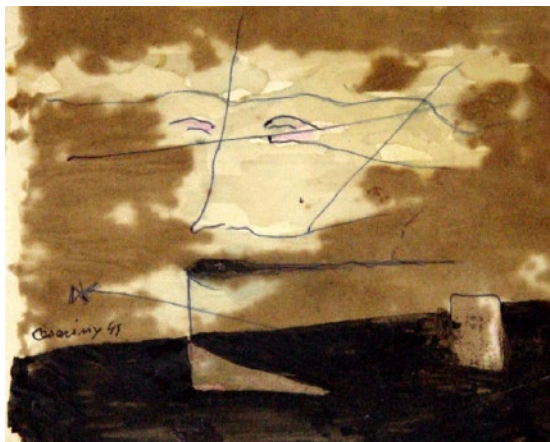


Mário Cesariny, fotografado por Eduardo Tomé em 1975

*“Afinal o que importa é não ter medo:
fechar os olhos frente ao precipício e cair verticalmente no vício”*

Esta renovação de que falava, e os valores que na ocasião considerei essenciais e que estão cada vez mais em cima da mesa, só se conseguem, contudo, num exercício permanente com a memória daqueles nos quais nos inspiramos. Daí que tenha sido essencial garantir que, em 2009, não fosse esquecida a singular acção colectiva de “Os Surrealistas”. Foram vários os eventos que dedicámos ao assunto, nos mais variados locais. Documento, através de imagens, apenas algumas das iniciativas realizadas, deixando referência a algumas mais.

O programa começava com uma exposição dedicada, justamente, a “Os Surrealistas”, na antiga sala de projecções da Pathé Baby (Rua Augusto Rosa nº 58, 1º andar), evocando e revisitando aquela que em 1949 decorreu no mesmo local, homenageando os membros do anti-grupo português e todos os que por via da afinidade artística e intelectual com eles estabeleceram relação nas décadas posteriores. 60 anos volvidos sobre a “rebelião” que levou Cesariny, acompanhado por Cruzeiro Seixas, Pedro Oom, Riques Pereira, António Maria Lisboa, Mário-Henrique Leiria, Fernando José Francisco, Carlos Eurico da Costa, Carlos Calvet, Fernando Alves dos Santos, António Tomaz e João Artur da Silva a formar “Os Surrealistas”, era — e continua a ser — particularmente urgente a necessidade de sublinhar o percurso individual que, ressalvadas as cisões, a partir daí se empreenderia no sentido da reabilitação do indivíduo enquanto criador e do automatismo impulsionador e gerador de criação, no sentido da luta contra a opressão, da luta contra os pré-determinismos e as negações gratuitas.



Mário Cesariny - Sem Título
Tinta-da-China e aguada s/ papel,
16,3 x 20,2cm, circa 1950 | CSY 070



Mário Cesariny - Sem Título
Caneta de feltro sobre papel,
21,1 x 15,2cm, circa 1950 | CSY 075

O avassalador fluxo de criação artística e intelectual que germinou individual e colectivamente ainda hoje provoca em nós uma interpelação contínua e permite a denúncia dos silenciamentos e a reivindicação crescente da liberdade de todos e de cada um, na criação, na acção e no pensamento, despidos de academismos e de palavras de ordem sem resultados práticos, que não são, como as exigia António Maria Lisboa, “palavras-actos” mas meras fórmulas alienadoras - enganadoras. As fotos que apresento (8 e 9) documentam a intenção de reproduzir o gesto simultaneamente criador e transgressivo que alimentou a diferença da exposição de 1949, no local exacto em que essas obras e esses gestos tiveram a sua expressão primordial. A segunda exhibe, também, o convite aos participantes para livremente se integrarem na própria exposição.



(8) Ciclo evocativo dos 60 anos sobre a 1ª exposição de **Os Surrealistas**
núcleo expositivo da antiga sala de projecções da Pathé-Baby, Lisboa, 2009



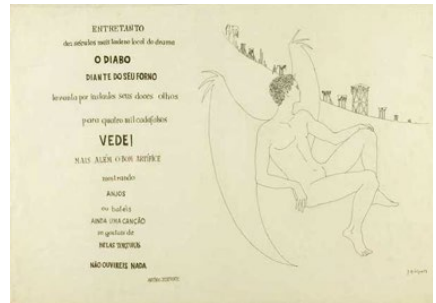
(9) Ciclo evocativo dos 60 anos sobre a 1ª exposição de **Os Surrealistas**
núcleo expositivo da antiga sala de projecções da Pathé-Baby, Lisboa, 2009



Mário Cesariny - Eu sou a terceira meia noite dos dias que começam | António M. Lisboa
Técnica mista sobre cartão, 46x3, cm, n.d. | CSY 044

*“Não é verdade rapaz? E amanhã há bola
antes de haver cinema madame blanche e parola”*

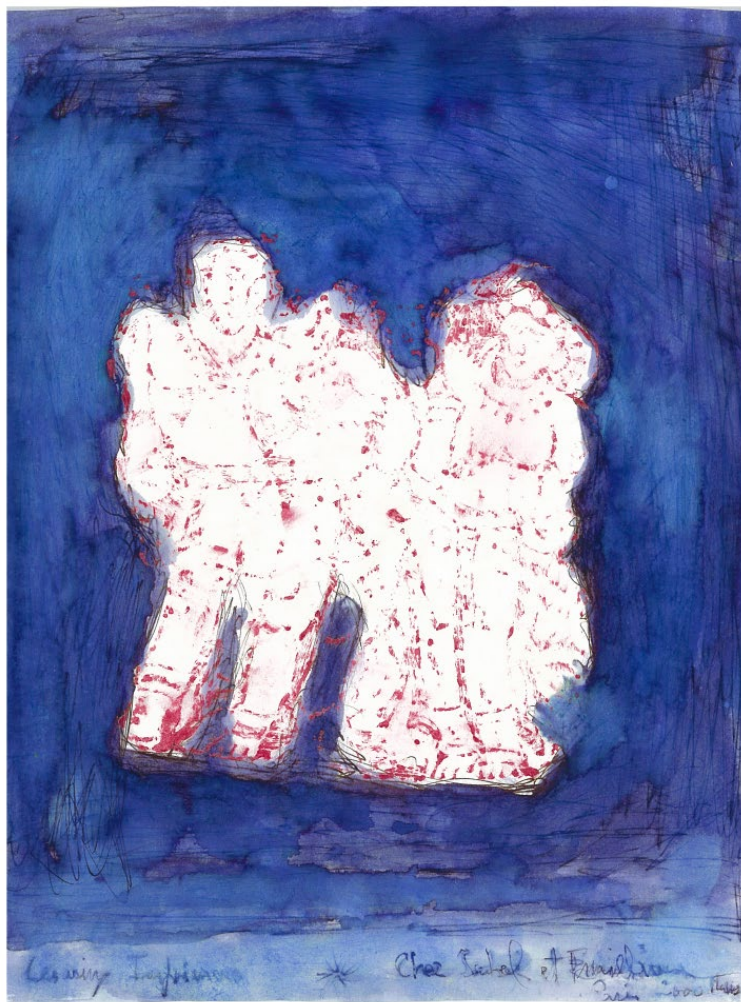
A mostra “Surrealismo Abrangente”, que decorreu na Perve Galeria, teve como mote essencial o estabelecimento de ligações posteriores com outros artistas que se situaram próximo do movimento, sobretudo nas décadas posteriores à já referida exposição inaugural. Articularam-se nesse momento obras de alguns dos elementos de “Os Surrealistas”, posteriores a 1949, e obras de outros autores que, não fazendo parte desse elenco inicial, se foram ligando a figuras do anti-grupo. Falo de personalidades como António Quadros, Eurico Gonçalves, Gonçalo Duarte, Isabel Meyrelles, Raul Perez, Mário Botas, João Rodrigues, José Escada ou Natália Correia. Apresento dois exemplos da produtividade destes artistas, um que dá a conhecer a colaboração entre João Rodrigues e António José Forte (10), dois representantes do Grupo do Café Gelo, e outro que ajuda a perceber o alcance da importância de António Quadros (11), que, sobretudo numa fase pós-colonial, foi muito importante para a divulgação do Surrealismo junto de artistas moçambicanos, num interessante contraponto à intervenção de Cruzeiro Seixas no decorrer do período em que, através de exposições e de uma vivência intensa do contexto africano, levou o legado surrealista a Angola.



(10) Poema “Entretanto” de **António José Forte**
desenho de **João Rodrigues**,
Tinta da china s/ papel 43x61 cm 1959



(11) **António Quadros**
Sem título, técnica mista s/papel, 40x60cm, n.d.



Mário Cesariny -Sem título
Técnica mista sobre papel, 21x14,5cm, n.d. | CSY 142

De algum modo, esse era também o espírito de duas outras iniciativas, a “Exposição Revisitação”, que decorreu na Rua dos Remédios, em Alfama, reunindo obras contemporâneas de artistas que, de forma mais ou menos directa, convergem com a proposta surrealista inicial e, sobretudo, com o seu tocante ideário central “Liberdade, Amor, Poesia”: eu-próprio, assinando Cabral Nunes; Chris Hales, com uma instalação multimédia interactiva, realizada de forma colaborativa comigo e que possibilitava a construção, em tempo real, de “cadavres-exquis” audiovisuais, por parte do público; inclusão de obras de Eva Alves, Fernando Aguiar; Inês Marcelo Curto, Gabriel Garcia, João Garcia Miguel, Manuel João Vieira (12) e Ricardo Casimiro; e a “Exposição In-Situ”, que, num edifício da Junta de Freguesia de Stº Estevão, onde teria funcionado uma chapelaria até aos anos de 1960, em Alfama, se propôs realizar intervenções artísticas site-specific, num local não convencional, onde os mesmos autores contemporâneos (os que produziram obras para a exposição “Revisitação”) reinterpretaram o “gesto” inspirador do anti-grupo surrealista, criando,



(12) Manuel João Vieira
Óleo sobre tela, 60x80cm, n.d.

no próprio espaço físico, as obras e instalações com que pretendiam recontextualizar, numa releitura dialogante, o Surrealismo em Portugal. “Exposição Surrealismo – Conexões e Miscigenação” (Galeria Perve de Alcântara), dedicou-se a devida atenção ao pioneirismo do Surrealismo no contexto da Lusofonia, englobando na constelação surrealista uma série de artistas que, não tendo feito parte do grupo, se expressaram de acordo com a sua inspiração um pouco em todo o espaço da lusofonia, como como Malangatana, Pancho Guedes, Ernesto Shikhani, Manuel Figueira e Reinata Sadimba.



Mário Cesariny - Sem título, Técnica mista sobre madeira, 15x42 cm, 1969 | CSY I38



Mário Cesariny - Londres - Ucrânia (pintado no verso) Técnica mista sobre papel, 46x32 cm, n.d.| CSY034



Mário Cesariny, Sem Título

Tinta de escrever aguada e lápis de cor sobre papel, 13x17cm, 1948, CSY 067

É também neste âmbito que deve ser referida a “ExposiçãoAlbergue da Liberdade”. Doado em 2008, para integrar o espólio da “Casa da Liberdade – Mário Cesariny”, o “Albergue da Liberdade” é a ligação de Pancho Guedes, seu autor, ao movimento criado por “Os Surrealistas”. A estrutura, que na génese se formou “como unidade de um corpo múltiplo que se fecha para viajar e se abre para mostrar, e ser experienciado noutros lugares”, mantém a finalidade da mobilidade idealizada (e apresentada na Bienal de Arquitectura de Veneza), ao assumir, em momentos específicos, a condição de estrutura-museu móvel e itinerante. Em 2009, em Torres Vedras, a acompanhar a exposição, tiveram lugar tertúlias de poesia e espectáculos musicais abordando a temática surrealista, numa perspectiva descentralizadora deste ciclo de celebração dos 60 anos do Surrealismo em Portugal. O “Albergue da Liberdade” esteve também presente no Panteão Nacional, entre 1 de Novembro de 2008 a 31 de Janeiro de 2009, aquando do 2º Encontro de Arte Global, em que foi homenageado Mário Cesariny.



(13) 2º Encontro de Arte Global - Homenagem a Mário Cesariny, 2008
núcleo expositivo “Albergue da Liberdade” (estrutura de Pancho Guedes) - Panteão Nacional



Mário Cesariny - Sem título, Aguarela sobre Papel
21x14,5cm, 1996 | CSY 135

A mutação do nome desta estrutura arquitectónica de “Lisboscópio” para “Albergue da Liberdade” constituiu uma homenagem ao Surrealismo Português numa altura em que a maioria dos seus protagonistas já haviam desaparecido. Ainda hoje não lhes terá sido feita inteira justiça. Do ponto de vista orgânico, a obra incorpora obras de autores surrealistas, servindo-lhes de albergue, de refúgio, incorporando os seus rostos, as suas palavras poéticas e contestatárias e os sons dos seus espaços vivenciais reproduzidos em três documentários inéditos. Há nela uma múltipla dimensão exterior (de cidade/atelier/quarto/castelo surrealista) e uma unívoca dimensão interior (o caminho identitário comum em torno das 2 exposições colectivas de 1949 e 1950). Essa mesma imagem dúplice está patente no revestimento, ocultação da estrutura que, vista do exterior, se assemelha a um abrigo gigante, pela sensação imagética de um espaço familiar, misto casa-atelier surrealista, com os seus elementos icónicos aludindo à presença de Mário Cesariny, fundador do grupo, e alguns dos seus mais diletos companheiros: Cruzeiro Seixas, Fernando José Francisco, José Escada, Rik Lina, Natália Correia, Jorg Remé e Mário Henrique Leiria. De entre as fotos que documentam esta estrutura, destaco uma

das fotografias retiradas no Panteão Nacional, em que se observa a porta da casa de Mário Cesariny, testemunho da pluralidade do seu exercício de recreação sistemática e da simbiose permanente entre o quotidiano e a arte na sua vida (13).

É de assinalar também, de modo a estabelecer a ponte para o motivo seguinte deste texto, que, no decorrer destas iniciativas de 2009, foi lançado um livro-objecto da autoria de Cruzeiro Seixas.



Mário Cesariny - O tudo
Técnica mista s/ papel, 30x15cm, 2001 | CSY 053



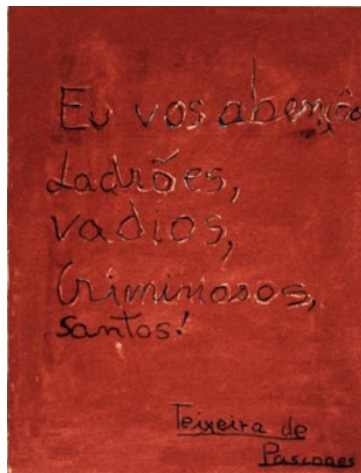
Mário Cesariny - Sem título
Poema-Objecto - Assemblage
39x15x15cm, n.d | CSY 105



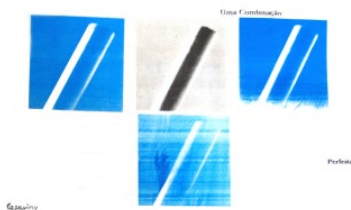
Mário Cesariny - Memento mori, Técnica mista sobre tela, 60x35x8cm, 2002 | CSY 014

Este livro-objecto encerra uma trilogia dedicada ao Surrealismo que teve início com a publicação, em 2006, do livro-objecto artístico "Timothy Mc-Veigh – o condenado à morte" de autoria de Mário Cesariny. Na entrevista ao semanário Sol, publicada pelo jornalista Vladimiro Nunes a 7 de Outubro de 2006, Cesariny explicava aquele que é um dos seus mais eloquentes gestos de reivindicação da liberdade, independentemente das circunstâncias: "Não devia ser permitida, a pena de morte. Neste caso (atentado em Oklahoma, EUA) ele matou 700 pessoas, mas a sociedade não fez mais do que juntar o assassinato de mais uma. Sou contra a pena de morte, mesmo nos casos extremos. Este é um caso extremo, um tipo que mata 700 pessoas, mas depois é preciso perceber o significado da atitude dele. Porque ele é tudo menos um tonto ou um tresloucado que só sabe da sua loucura. Ele diz: 'Não importa quão grande é o castigo. Não importa qual a porta do inferno que se abre ou não abre'. É um tipo lúcido, enlouquecido com a América do Norte." É inegável que, apesar de polémico, este importante livro-objecto é também, do ponto de vista artístico, filosófico e conceptual, um profundo abrir de ferida que nos coloca perante uma questão essencial: Por mais selvagem que o acto seja, devemos nós ceder à tentação de vingança, tornando-nos naquilo que condenamos? Acrescento a esta breve apresentação uma das páginas da obra (17), que exhibe através de uma citação de Teixeira de Pascoaes a fortíssima ligação que durante boa parte da sua vida o Mário manteve com o notável poeta de Amarante, a que ainda farei referência.

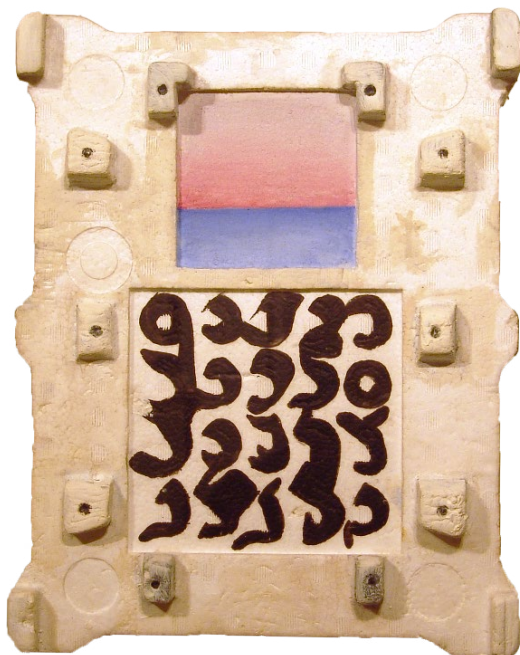
17.



Mário Cesariny
Última página do livro-objecto
"Timothy Mc-Veigh
- O condenado à morte", 2006



Mário Cesariny
Uma Combinação Perfeita
Téc. mista s/ papel, 29x42cm, n.d. | CSY087



Mário Cesariny, Memória para José Escada,
Técnica mista sobre tela, 34x25x7cm, 1999 | CSY 015

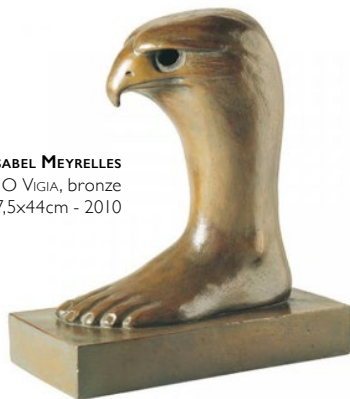


Le roi se meure, Técnica mista sobre metal (pintada também no verso), 41x36x1cm, 2004 | CSY 013

*“Que afinal o que importa é não ter medo
de chamar o gerente e dizer muito alto ao pé de muita gente:
Gerente! Este leite está azedo!”*

Merecem também particular destaque outras duas obras publicadas e um projecto ainda em curso, mas que promete redimensionar o Surrealismo em Portugal além-fronteiras. Refiro-me, em primeiro lugar, à homenagem que Luiz Pacheco e Cruzeiro Seixas fizeram aquando da morte de Cesariny, na primeira colaboração efectiva que realizaram, apesar de serem conhecidas as cartas trocadas no decorrer da década de 60 e que visavam a concretização de uma revista intitulada Abjecção. Recuperando um dos mais emblemáticos textos de Pacheco – “Comunidade” – a obra juntou-lhes ilustrações de Cruzeiro Seixas elaboradas propositadamente para a ocasião. Assinalando a importância de um nome associado ao Grupo Surrealista de Lisboa, é também extremamente importante o livro Fernando Lemos e Adolfo Luxúria Canibal, edição lançada no Brasil em 29 de Outubro de 2011 e que reproduz 53 obras de Fernando Lemos, 15 das quais em serigrafia e texto de Adolfo Luxúria Canibal, outra personalidade criadora em cujo imaginário a tradição surrealista ocupa uma dimensão assinalável – como o exprime, por exemplo, o prefácio a uma das traduções de Os Cantos de Maldoror, do Conde de Lautréamont. Finalmente, e dando expressão a um projecto que Isabel Meyrelles cultivou ao longo de mais de três décadas de pesquisa e de tradução, o de antologiar em edição bilingue (português-francês) o Surrealismo em Portugal nas suas ecléticas expressões, deve ser lembrada a Antologia Poéticas Pós-Pessoa – Antologia do Surrealismo e suas Derivações em Portugal, com componentes poética e plástica, – cujo primeiro volume (dedicado a “Os Surrealistas”)

(19) ISABEL MEYRELLES
O VIGIA, bronze
109,5x87,5x44cm - 2010



saiu em 2013, e que ao longo dos próximos anos dedicará atenção, em três outros volumes, às demais etapas deste percurso: o Grupo Surrealista de Lisboa (2º volume), o Grupo do Café Gelo (3º volume) e a Deriva Surrealista (4º volume), em autores como Al Berto que, não sendo exactamente surrealistas, muito devem à sua inspiração. Aproveito para homenagear a criação escultórica de Isabel Meyrelles apresentando uma obra colectiva que realizou com Cruzeiro Seixas e Benjamin Marques aquando da exposição de 2010, “Cadavre Trop-Exquis” (18) e uma das suas mais reconhecidas esculturas (19).



18.

**Isabel Meyrelles, Cruzeiro Seixas
e Benjamin Marques, serigrafia, 2010**

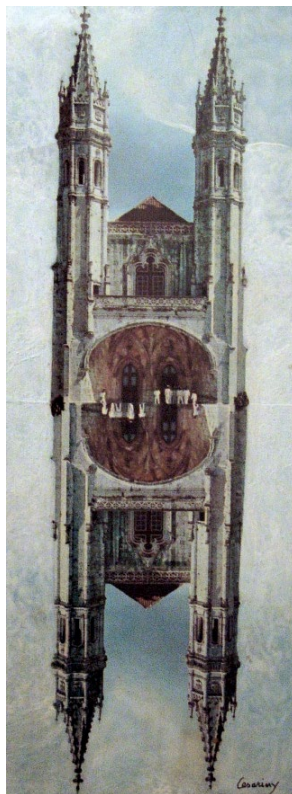


Mário Cesariny
Protectora da Fertilidade
Poema-Objecto
Assemblage
c/ esculturas da Guiné e Azteca
90x34x28cm, n.d. | CSY 101

Atento brevemente, antes de concluir, em alguns eventos mais recentes. Em 2012, uma exposição procurou homenagear Artur do Cruzeiro Seixas, o derradeiro sobrevivente do anti-grupo que expôs pela 1ª vez em 1949. Cruzeiro Seixas, na sua imensa capacidade autoral, foi um dos que mais se evidenciou pela prolífera extensão da sua obra, cuja criatividade não se limitou nem à estética, nem à realização da sua própria e extensa obra plástica, poética e narrativa, mas também se concretizou numa procura constante de divulgar a arte dos outros, fossem eles os seus companheiros, fossem desconhecidos, anónimos, aos quais reconhecia méritos, não só formais ou discursivos, mas de índole estrutural e humana. Interessaram-lhe sempre os que apontam caminhos identitários únicos, verdadeiramente essenciais. Por isso, em qualquer dos sítios onde se fixou, de Luanda ao Algarve, desenvolveu e organizou exposições de artistas, com o que contribuiu para que fossem colocados na esfera de consagrados, com toda a justiça, por certo.



Mário Cesariny - Tudo
Escultura-objeto - Técnica mista
65,5x65,5cm, n.d. | CSY 084



Mário Cesariny - Astronave Portuguesa do Sec XVI
Colagem e gouache, 29x9,5cm, n.d. | CSY 096



Mário Cesariny - Sem Título
Óleo sobre prato de cerâmica, Diam.
25cm, 2000 | CSY 021



Mário Cesariny - Sem Titulo
Ready-Made - Faiança Pintada
27x11x11cm, n.d. | CSY 085



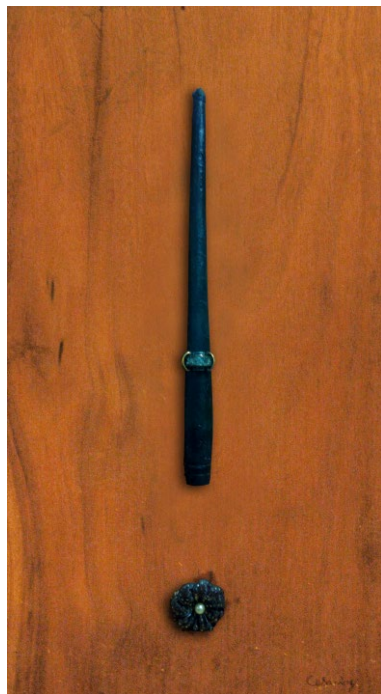
Mário Cesariny - Ready-Made Auxiliado,
Óleo sobre madeira, 12x31x20cm
n.d. | CSY 024



Mário Cesariny
Homenagem a Bocage que protestou pela morte
de M. Antonieta Rainha de França,
Escultura-objecto, 15x10x10cm, n.d. | CSY 095

*“Que afinal o que importa é pôr ao alto a gola do peludo
à saída da pastelaria,
e lá fora – ah, lá fora! – rir de tudo”*

Depois de uma fase expressionista-neo-realista, as inquietações plásticas e os desejos de libertação estéticos e ideológicos levam Cruzeiro Seixas a abraçar o projecto perfilhado por “Os Surrealistas”. Desde que assumiu os preceitos de “Os Surrealistas” não mais os abandonou, mantendo-se fiel ao onirismo figurativo dessa poética que empregou também em colagens e objectos. Em 1951 alista-se na Marinha Mercante, viaja até à Índia e Extremo Oriente, acabando por se fixar em Angola, durante doze anos, onde descobriu a arte dita “primitiva”, em consonância com a recuperação que desta arte fizera o modernismo internacional. Aí realizou uma parte significativa da sua obra, desenhada, pintada, objectualizada e escrita e foi, precisamente, em Luanda que realizou a sua primeira exposição individual apresentando 48 desenhos sob a evocação de Aimé Césaire (Cinema da Restauração, 1953). Esta e, em especial, a 2ª exposição que viria a realizar no continente africano, assim como todas as que aí realizou, foi alvo de enorme controvérsia. Em 1960 inicia trabalho no Museu de Angola organizando exposições em moldes absolutamente novos no país. Em 1964, com o intensificar da Guerra Colonial, Cruzeiro Seixas, por discordância integral com o regime colonial, vê-se constringido a regressar à Europa e, de volta a Portugal, participa em inúmeras exposições.



Mário Cesariny - Sem Título
Escultura-objecto | Jóias executadas
pelo autor
40x25 cm, 1942|1998 | CSY 094



Mário Cesariny
Lancelot du Lac
 Poema-Objecto
 Assemblage
 60x31x31cm, n.d. | CSY 104

O trabalho que iniciara no Museu de Angola prossegue-o em Lisboa, onde será consultor artístico da Galeria S. Mamede, e posteriormente no Estoril (1976-83), dirigindo a Galeria da Junta de Turismo da Costa do Sol e, em Vilamoura, a Galeria D'Arte (1985-88). Durante os cinco anos em que foi consultor artístico da Galeria S. Mamede, organizou exposições de, entre outros, António Areal, Mário Cesariny, Jorge Vieira, Júlio, Carlos Calvet, Paula Rego e Maria Helena Vieira da Silva e em muito contribuiu para a promoção de artistas emergentes tais como Eurico, Raúl Perez e Mário Botas. Ainda neste espaço, pela primeira vez, são apresentadas no país obras de Henri Michaux e do Grupo Cobra. Na década de 70 edita com Cesariny Reimpressos Cinco Textos Surrealistas em Português, Aforismos de Teixeira de Pascoaes e Contribuição ao registo de nascimento, existência e extinção do Grupo Surrealista Português. Participa em inúmeras colectivas do movimento surrealista internacional, principalmente aquelas ligadas ao Grupo Phases (liderado por Édouard Jaguer). Posteriormente, dá continuidade ao trabalho iniciado na Galeria de S. Mamede nas citadas galerias do Estoril e de Vilamoura, durante mais de uma década. Em 1999, doa a totalidade da sua colecção à Fundação Cupertino de Miranda, com vista à constituição de um Centro de Estudos e Museu do Surrealismo.



Mário Cesariny
Retrato de Manuel de Lima
 Técnica mista sobre platex, 32x22x2cm,
 1999 | CSY 022



Mário Cesariny, The mirror
 Mista sobre madeira
 30x50cm, 2001 | CSY 003



Mário Cesariny - Sem título
Poema-Objecto - Assemblage
26x10x12cm, n.d. | CSY107



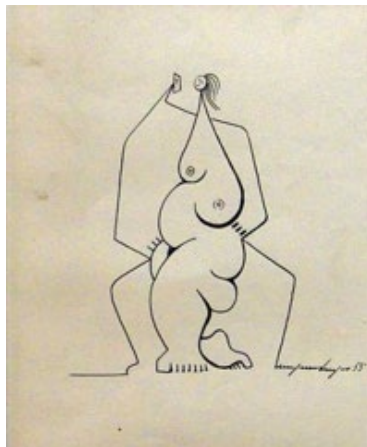
Mário Cesariny
Nuestro señor del grande poder torero
Poema-Objecto - Assemblage
31x21x10 cm, n.d. | CSY103



Mário Cesariny - Autografia
Técnica mista sobre tela
30,5x32,5cm, 51x60 cm | CSY100

No ano seguinte, a Fundação organiza, por ocasião do 80º aniversário de Cruzeiro Seixas, uma exposição retrospectiva e de homenagem ao artista. Artista Versátil, explorou, ao longo de décadas, as infinitas poéticas do Surrealismo. Apenas um exemplo do muito que a obra do Artur tem para oferecer, um desenho a tinta da china s/papel, de 1955 (20), que selecciono pela evidente expressão do imaginário daquele que Cesariny designou como o último continente inteiramente surrealista, a África da qual teve de regressar em meados da década de 60 mas da qual, conforme tantas vezes tem dito, nunca chegou a sair realmente:

Em 2013, ano em que juntámos a Casa da Liberdade – Mário Cesariny ao projecto galerístico, de arte e cultura, que desde o ano 2000 temos empreendido, foi natural a opção por uma vastíssima exposição em torno do Surrealismo, titulada de “Real Surreal”. Pretendemos, com essa mostra, contribuir para dar visibilidade a autores que são fundamentais na criação contemporânea em Portugal e que, com o seu labor iniciado ainda na primeira metade do séc. XX, contribuíram de forma ímpar para abrir caminho a novas expressões e linguagens, factos mais do que reconhecidos dentro e fora do meio artístico. Também no mesmo ano, iniciei com alguns investigadores de um Centro da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa – CLEPUL – uma parceria que se tem revelado extremamente produtiva.

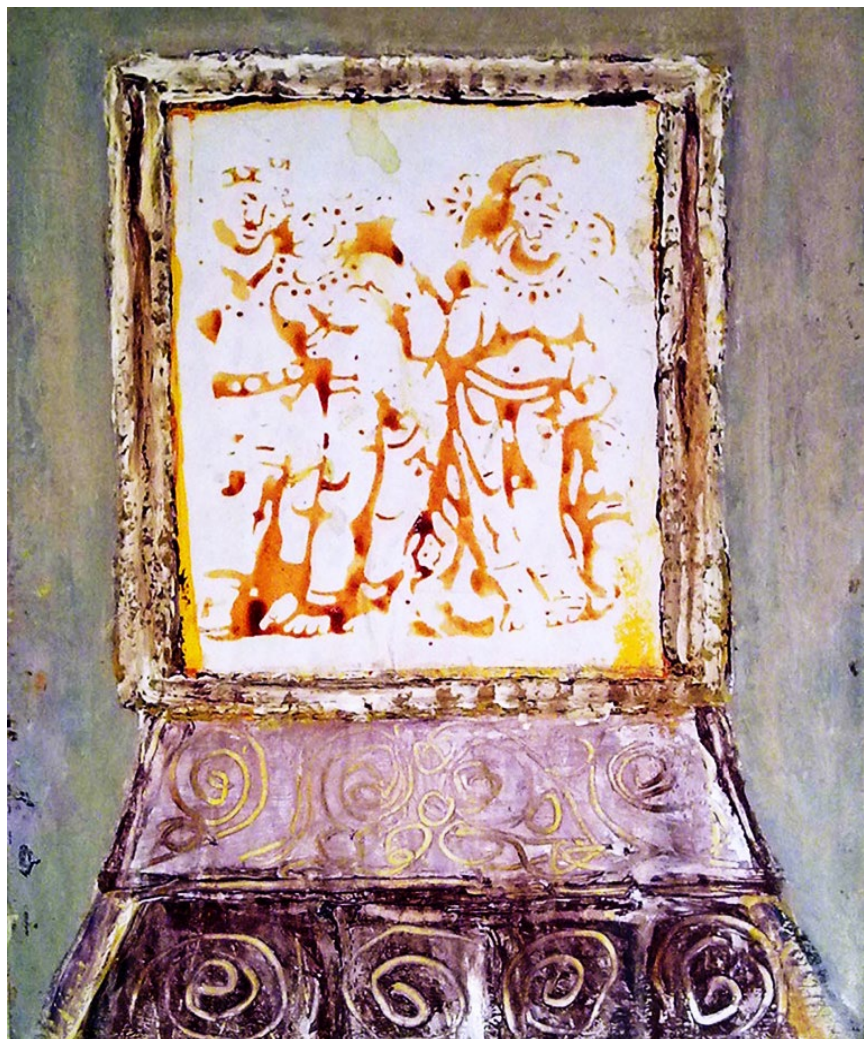


(20) Cruzeiro Seixas - Sem título
Tinta da china s/papel, 19x14 cm, 1955



Cruzeiro Seixas - Sem título
Têmpera e tinta da china s/papel
30,5x32,5cm, 1960

A esse respeito, destaco o Congresso dedicado à memória de António Maria Lisboa, nos 60 anos do seu falecimento, organizado em parceria com uma equipa competentemente presidida por Rui Sousa, em cujo programa foi reproduzida uma obra notável de Cruzeiro Seixas (21).



Mário Cesariny - **Sem título, da série “Passagem para a Índia”**
Técnica mista sobre Papel, 29x21cm, 1999 | CSY133

*“No riso admirável de quem sabe e gosta
ter lavados e muitos dentes brancos à mostra”*

Seguiu-se em 2014 um evento dedicado a Teixeira de Pascoaes, desta vez tendo como parceira outra investigadora, Sofia Carvalho. No momento em que se assinalava o primeiro ano de existência da Casa da Liberdade - Mário Cesariny, foi notável a atenção que se conseguiu dar a um vasto leque que abarcava a obra plástica, documentos inéditos e um conjunto de obras resultantes de afinidades contemporâneas em torno da figura daquele que foi um dos mais notáveis autores portugueses, nascido em Amarante, corria o ano de 1877, e que muito contribuiu para o desenvolvimento poético e artístico do país, continuando referência fundamental para sucessivas gerações de artistas, pensadores e poetas. Foi também uma figura tutelar para Mário Cesariny – frequentador assíduo da Casa de Pascoaes, em Amarante, um solar que se tornou local de peregrinação de muitos intelectuais e autores nacionais e internacionais, sobretudo Surrealistas.

Não poderia concluir este texto sem mencionar um outro acontecimentos singular, que assinala exemplarmente o modo que me parece necessário para (re) pensar o Surrealismo em Portugal, delimitando-o em sentido contrário àquele que tem sido adoptado até agora por boa parte das instituições e dos críticos, cujos juízos parciais e selectivos ignoram duas vertentes importantes da actividade surrealista, ainda bem vivos: a capacidade de promover causas colectivas com impacto social e alcance artístico inegável. Refiro-me à iniciativa que, em 2014, aquando da polémica em torno dos quadros de Miró que o Estado português pensou alienar irresponsavelmente, organizámos uma exposição recolhendo testemunhos e obras de figuras ligadas às mais diversas artes, que se manifestaram contra a alienação de um dos mais evidentes patrimónios vinculadores de Portugal ao contexto surrealista internacional. Recordo simbolicamente o testemunho de Carlos Calvet, poucos dias antes do seu falecimento: “A valiosa colecção Miró pertence ao Estado, isto é, ao Povo Português que a pagou duramente com os seus impostos. Tal colecção não deverá sair de Portugal e é do máximo interesse que seja exposta ao Público, tão cedo quanto possível.”



Mário Cesariny - Sem título
Óleo s/ almofada de tecido, 40x60cm, 1982 | CSY 029



Mário Cesariny - Homenagem a Franz Marc
Óleo s/ almofada de tecido, 40x60cm, 1982 | CSY 032



Mário Cesariny - Sem título,
Óleo s/ almofada de tecido (pintada também no verso, 40x60cm, 1982 | CSY 031



Mário Cesariny - Homenagem a Mário Henrique Leiria
Óleo s/ almofada de tecido, 40x60cm, 1982 | CSY 030



Mário Cesariny - The first signs of fear,
Díptico com colagem s/ papel, 100x60 cm, n.d. CSY 050



Mário Cesariny - Limpam Veneza
Díptico com colagem s/ papel, 100x60 cm, n.d. CSY 049

Composição para azulejo
com texto explicativo, 30x50cm
1982, CSY 051

[illegible]

à Monsieur Mario Cesariny
6 rue Basilio Teles
1000 Lisbonne
Portugal

L'opéra munit de compagnie pour exécuter dédiée à votre honneur destinée à un exécutif, après un certain laps de temps.

Cher Maître,

Je me permets de vous écrire à l'instigation de Monsieur Guy Weelen, à qui j'ai demandé conseil pour me guider dans le choix d'un grand écrivain qui pourrait représenter le Portugal dans un livre dont je m'occupe depuis quelque temps. Madame Weelen m'a suggéré d'attirer l'attention sur l'autosur, la reproduction de "Jardin d'Azulejos", et, ce serait une bien jolie page pour votre pays de publier ensemble un poème. Avant de solliciter votre collaboration, je me dois de résumer le projet de l'autosur, et d'expliquer sa corrélation avec cet ouvrage en étroite corrélation avec ce projet.

STUDIO ONE
1 W. 72 St.
NY, NY 10023

September 29, 1981

du 16 avril 1981, donné le nom de Strawberryfields en mémoire de John Lennon à un flot d'une superficie de trois acres, situé dans Central Park à la hauteur de la 72ème rue Ouest, face au Dakota où il vécut pendant dix ans.

Après cet hommage posthume rendu par la Ville, Yoko Ono a pensé que ce serait plus dans l'esprit de son mari de laisser à tous les pays qui le désirent la possibilité de participer à l'entretien de ce jardin par une donation tout à fait symbolique. Prenant en charge elle-même tous les travaux de plantations et d'aménagement afin que ce ne soit nullement une charge pour les pays.

L'idée de faire pousser ensemble des arbres venus de tous les horizons a suscité un grand enthousiasme car nous avons maintenant cinquante pays qui ont officiellement décidé de participer et d'autres encore s'ajoutent dans les mois à venir. Le Portugal va réaliser l'allée centrale avec les petits cailloux et enverra pour se faire des spécialistes, l'actuel asphalté disparaîtra. Chacun collabore à sa manière, la Bulgarie

To Whom It May Concern:

This letter is to introduce Mrs. Anne Filali and to authorize her to act as my liaison for the Strawberry Fields project. Any assistance you can extend her will be greatly appreciated.

Warm regards,


Yoko Ono Lennon

fontaine et l'Inde avec un arbre venu de l'Himalaya, pour ne citer que quelques exemples.

La fondation John Lennon, la Spirit Foundation va faire publier un livre avec toutes les nations participantes par ordre alphabétique. Les auteurs de ces textes consacreront chaque page à un gentilhomme grand artiste du monde des Arts ou des Lettres. Cet ouvrage a pour but de faire connaître tous les pays qui si gentiment collaborent à ce projet par un de leurs auteurs. Les auteurs de ces textes ont le droit de faire un dessin et pour en sauvegarder tout l'intérêt les textes ou œuvres graphiques doivent être inédits.

Les droits de cession de ce livre de la fondation serviront à développer des échanges culturels entre la fondation et les nations participantes. Pour cette raison nous demandons aux artistes qui gentiment ont accepté de consacrer leur œuvre d'abandonner leurs droits d'auteur en faveur de la fondation.

La préparation de ce livre est assez longue mais déjà quelques artistes ont répondu favorablement, Jorge Amado a écrit deux très jolies pages sur le Brésil, Mopold Senghor sur le Sénégal deux très intéressantes pages informatives. Vous pouvez aussi imaginer que dans un autre livre il y aura le "jardin d'Azules" et ce serait merveilleux si vous acceptiez de faire un texte ou un poème qui pourrait être d'une page qui représenterait ensemble le Portugal. Un sujet de votre choix, mais qui est un lien avec votre pays et qui sera le lien qui nous avec cet extraordinaire jardin de Madame Vieira da Silva.

En vous remerciant à l'avance pour l'attention que vous voudrez bien porter à ce projet et en espérant recevoir une réponse favorable à ma demande, veuillez agréer, cher Maître, l'expression de ma considération distinguée.

A detailed black and white architectural sketch of a large, multi-story building, likely a hotel or apartment complex. The building features a complex roofline with multiple gables, dormers, and a prominent central tower. The facade is covered in numerous windows, some with decorative elements. The building is surrounded by lush trees and a street with several vintage cars parked along the curb. The style is a fine-line architectural drawing.

Yoko Ono
Correspondência com Cesariny, 1981/1982

Anne K. Cal.

Anne Filali

O surrealismo, tal como existia em 1949, não existe mais, nem poderia existir assim. As problemáticas hoje serão outras - semelhantes quiçá em alguns aspectos mas de contornos e processos seguramente distintos. As ferramentas também. Pretender ser hoje surrealista como o foram os de 1949 será, por isso, um absurdo. Mas o Surrealismo pode (deve?!) renovar-se noutros discursos e noutros métodos. Pode inclusivamente, adotar outras designações mas mantendo a atitude e a formulação de pensamentos e atos para que permaneça acesa essa chama do que foi e poderá ser o Surrealismo, nessa sua proposta original, tão válida como atual. Em 1958, Cesariny escreveu no Manifesto Autoridade e Liberdade São Uma e a Mesma Coisa : “Ser-se livre é possuir-se a capacidade de lutar contra o que nos oprime. Quanto mais perseguido, mais perigoso. Quanto mais livre, mais capaz. Do cadáver de um homem que morre livre pode sair um acentuado mau cheiro. Nunca sairá um escravo”. Há princípios éticos muito fortes no surrealismo, uma rejeição clara de sociedades marcadas pelo individualismo, uma negação óbvia de todos os tipos de repressão. Do Surrealismo urge que continuemos a herdar premissas fundamentais em que se pode enquadrar a trilogia “Amor, Poesia, Liberdade”, deriva clara, reformadora, dos fundamentos do Iluminismo mas, agora novamente reinterpretada para “Globalismo, Liberdade, Altruísmo”, se entendermos dever cingir-nos apenas e só a uma formulação tríplice, caso contrário se essa mesma assumir uma forma de



Ciclo evocativo dos 60 anos sobre a 1ª exposição de Os Surrealistas
núcleo expositivo Albergue da Liberdade
(estrutura de Pancho Guedes),
instalado no Parque Verde da Cidade de Torres
Vedras, 2009

nove pontos, não pontas, muito menos pontiagudas, interligados e equidistantes, perfeitamente identificáveis, poderíamos (deveremos!?) falar de “Globalismo, Liberdade, Altruísmo, Amor, Arte, Poesia, Sustentabilidade, Fraternidade, Igualdade”. Dito de outra maneira: questões centrais que se colocam hoje ante o ser humano. Uma chama tão intensa e profundamente bela como a que foi acesa pelo Surrealismo, numa altura complicadíssima da nossa história – entalado entre as duas guerras mundiais, com a guerra civil espanhola pelo meio e com toda a espécie de ditaduras e colónias escravagistas que existiam – uma chama assim não pode nem, seguramente, irá apagar-se. Cesariny dizia, a propósito: “Não se inquietem. O Surrealismo existe desde sempre e jamais acabará”.

Carlos Cabral Nunes - 2016



Mário Cesariny - O homem que quis matar o Papa
Técnica mista s/ tela
24x18 cm, n.d. | CSY 046

Mário Cesariny, máquina de passar vidro colorido

Catarina Vaz Pinto
Vereadora da Cultura da
Câmara Municipal de Lisboa

Texto originalmente publicado em 2013 no Catálogo da
exposição Homenagem a Mário Cesariny

*“Sou um homem
um poeta
uma máquina de passar vidro colorido
um copo uma pedra
uma pedra configurada
um avião que sobe levando-te nos seus braços
que atravessam agora o último glaciador da terra.”*

Assim se definia Mário Cesariny de Vasconcelos no início do seu poema Autografia, ele que foi um dos maiores expoentes do surrealismo e da liberdade artística em Portugal.

(...) Cesariny foi poeta e pintor. E, também, crítico, ensaísta e tradutor - ou poeta, surrealista e tudo. Nasceu e morreu em Lisboa, e nela viveu apaixonadamente todas as dimensões da vida, da sua vida: de espírito vivo e inconformista, com uma incessante paixão pela palavra, pela arte e, sobretudo, pela liberdade.

Foi nas tertúlias dos cafés lisboetas que descobriu primeiro o neo-realismo, com o qual rompe, de modo irónico, em Nicolau Cansado Escritor, poema reunido em Nobilíssima Visão, envolvendo-se depois no movimento surrealista, que o levou a Paris, em 1947, onde conheceu André Breton.

Foi fundador do Grupo Surrealista de Lisboa como forma de protesto libertário contra o regime e as convenções vigentes e cujas reuniões decorriam habitualmente na pastelaria Mexicana, o qual incluía, entre outros, Alexandre O'Neill e António Pedro. Mário Cesariny define o surrealismo como uma “Revolução” em todos os domínios: moral, político e estético. Segundo o poeta, o surrealismo não é um método ou escola, mas uma forma de insurreição permanente, na arte e na vida. Não é um período histórico, uma vez que os princípios de liberdade, subversão e amor que lhe dão substância emergem em diferentes épocas.

Como homem livre que sempre foi, criou mais tarde um grupo dissidente do primeiro, denominado Os Surrealistas, do qual fizeram parte, entre outros, Artur do Cruzeiro Seixas, António Maria Lisboa, Mário Henrique Leiria e Pedro Oom. “Cadáver-esquisito”

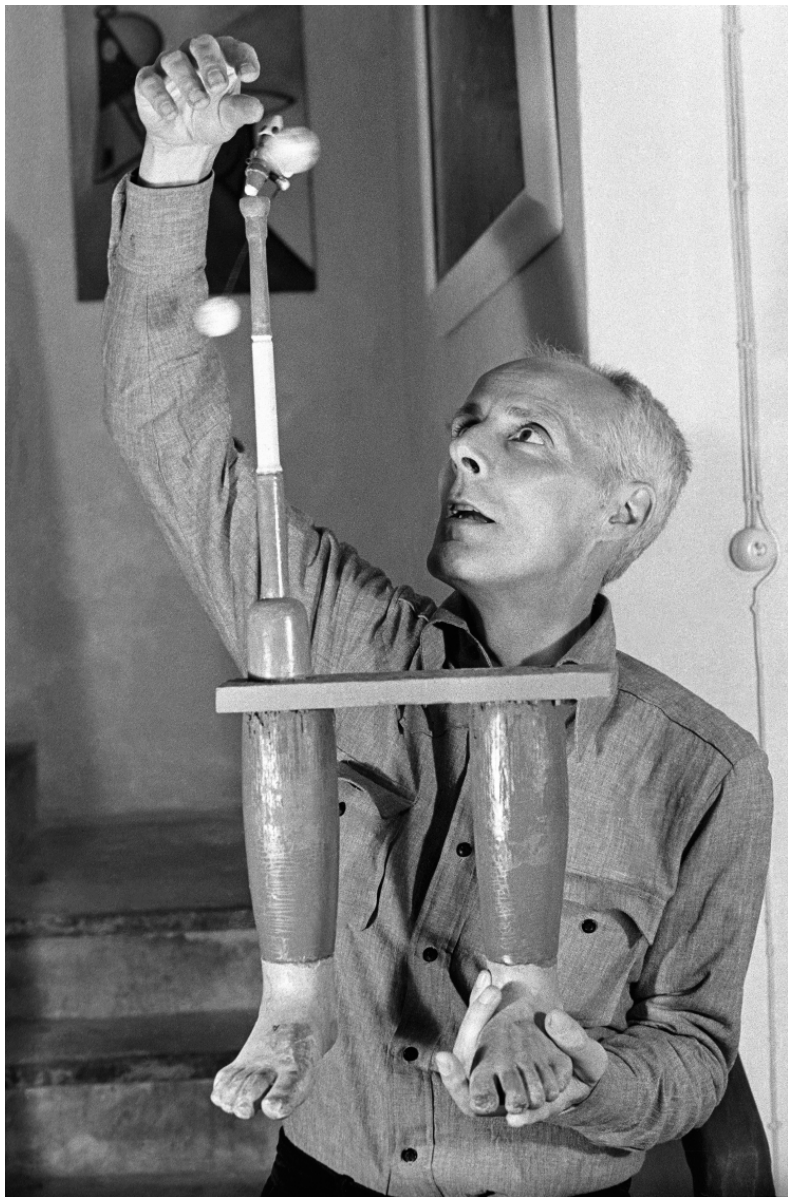
e “despintura” foram técnicas surrealistas muito usadas por Cesariny na sua obra plástica que o ajudavam, segundo as suas próprias palavras, a libertar-se das convenções do gosto, procurando a autonomia do gesto e da cor. Libertou-se também na poesia escrita, numa época em que o “tecto estava muito baixo”, referindo-se o surrealista à falta de genialidade artística da sua geração (in Autografia, documentário de Miguel Gonçalves Mendes, 2004).

Amor, revolta, liberdade, desejo, são palavras indirectamente presentes na sua obra e que ele próprio utiliza para a caracterizar. Os seus poemas, em forma de pintura ou em forma de escrita, são uma espécie de grito, de expressão libertária. Afinal o que importa não é a literatura/nem a crítica de arte nem a câmara escura/ (...) Que afinal o que importa é não ter medo (Pastelaria).

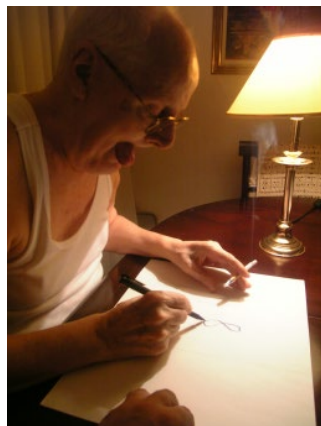
Importante artista plástico surrealista, também extraordinário poeta e homem eminentemente livre, Cesariny mereceu reconhecimento público através do Grande Prémio EDP de Artes Plásticas (2002), do Grande Prémio Vida Literária (2005), e da Grã-Cruz da Ordem da Liberdade (2005). Detendo um lugar central na poesia portuguesa do século XX, está consagrado no Dicionário Cronológico de Autores Portugueses, destacando-se pela sua “poesia espontânea, subversiva, fulgurante, animada por um sentido de contestação aos comportamentos ou princípios mais institucionalizados ou considerados normais no campo do pensamento, da cultura, dos costumes, do erotismo”. Maria Helena Vieira da Silva assim qualifica Mário Cesariny:

Vejo a poesia do Mário muito forte e muito densa ...
mas vejo e não sei traduzir em palavras, o que vejo
É uma poesia única, como o Mário é Único: em todo o sentido da palavra

(in A PHALA, sobre Mário Cesariny, Assírio & Alvim)



Mário Cesariny, fotografado por Eduardo Tomé em 1975



Mário Cesariny, fotografado por Eduardo Tomé em 2004; Cabral Nunes, 2006 (2 fotos); com Graça Lobo, no México, nos anos de 1970; por E. Tomé, em 1975.

Ver no sentido dos ponteiros do relógio (começando pela foto maior)





Mário Cesariny, fotografado por Eduardo Tomé em 1975

A Casa.

"Quem sou eu?"

A pergunta é enunciada por André Breton na sua obra *Nadja* (1928). Nela o autor apresenta os pilares do movimento surrealista, enquanto o narrador homónimo vai sublinhando a importância do olhar interior no processo de deslocação dos modelos em pintura. O texto tece-se em defesa de uma arte transformadora e libertadora da sensibilidade contemporânea. A indagação dos processos artísticos, da liberdade expressiva e da própria territorialidade do mundo miscigenado delinearam a estrada que conduziu à ideia da Casa e à sua criação.

A Perve tem vindo a desenvolver um percurso único em torno da reflexão sobre a importância da vocação surrealista, o seu legado e actualidade em contexto nacional. Localizada no centro histórico de Lisboa, os espaços expositivos da galeria vêm sendo lugares onde as diferentes artes e tradições interagem e se compõem. Da música à performance, dos novos aos velhos meios, entre Portugal, África e o Mundo, as exposições sucedem-se como formas de participação. São capítulos de um labor comum no qual a fruição da arte, a vivência da cidade e a reconfiguração de universos se conjugam. Pessoalmente, acredito que esta Casa nos pertence a todos como lugar de causas comuns.

Tal como nas palavras e nos traços inscricivos de Mário Cesariny, este é um território onde continuarão a abrir-se novas perspectivas. Quadros como janelas sobre a natureza essencial das coisas. Existem obras e lugares onde os ecos e as imagens não se diluem, mas antes se repercutem para integrar o gigantesco banco de dados de que fala Guy Scarpetta. Também cada obra de Cesariny - tal como cada recanto da sua Casa - possui uma voz que se escuta para além da fronteira dos géneros artísticos. São pura expressão do prazer nascido do jogo das formas, dos códigos e estilos. São espaços de actualidade porque a sua ontologia reside na reinvenção de objectos, dos sentidos e modos de leitura que distinguem Cesariny como criador libertado. Aqui estamos em Casa. O projecto foi rasgando fronteiras e limites ao longo de uma década, tornou-se cosmopolítica porque as portas de Cesariny sempre estiveram abertas ao debate e à cidade. Esta porta de Cesariny marca agora não a fronteira, mas a linha de novas trocas e partilhas. É deslocação, colagem e simulacro. "Quem sou eu?" Tal como o movimento artístico que lhe subjaz, a questão enunciada por Breton é tão actual quanto eterna. O surrealismo captura - e "futuriza" segundo Julian Marias - o impulso projectivo da própria vida. Só a liberdade rasga limites e agita. E André, o narrador de uma muito jovem *Nadja*, dizia: "A beleza será convulsiva, ou não será". Tal como esta Casa da Liberdade. Será livre, ou não será Mário Cesariny.

Mafalda Serrano - Lisboa, 30 de Outubro de 2013

Este texto poderia haver estado no princípio, como aliás toda a organização do presente catálogo. Tudo se fazendo contrário do suposto. As imagens, para além dos textos, poderiam também estar nas páginas à direita, como eventualmente mandariam as mais elementares regras do design actual. O texto da Exma. Vereadora Catarina Vaz Pinto, aparecendo logo na entrada e só no fim a "Cronologia...", seria o mais correcto, direi. Contudo, sucedeu não ser assim, por acasos vários e um sopro persistente vindo não se sabe de onde, como um designio fazendo-se cumprir: se a evocação era de Mário Cesariny, ele nos estaria possivelmente guiando. E assim se fez, catálogo e exposição, sem cumprir o que da ortodoxia do fazer as coisas se diria certo ou errado, antes dando primazia ao desmontar do método e da verticalidade obscura dos ditames de quaisquer modas ou preceitos.

Este mesmo texto, escrito a lapiz e agora se tornando outra coisa, impelido por essa vontade seminal de fazer juz a quem se quer evocar.

Umás palavras apenas para dizer, de forma não maquinal, sentida, efervescente lâmina entrando suave na dimensão da gratidão necessária, a Rui Sousa, que ajudou sapientemente a urdir o texto, espécie de "Cronologia" que esteve para ser publicado numa revista internacional que, sem medo, se fez falir, acabando assim por ser agora melhor usado, direi sem remorso algum.

E estender a gratidão a todos quantos, ao longo dos anos se tem feito amigos e mecenas desta actividade equiparada a nau de locos.brilhantes andarilhos ardentes. E uma chávina belicosa, plena de chá e encanto a todos mais todas que foram, com o seu labor e paciência ajudando este projecto a crescer e a tornar-se algo mais que uma ilusão candente, que também é e deve persistir sendo sem, com isso, se perder na capacidade de agir e de exigir, de si, antes que de outrém.

Falar, escrevendo, mas falar sempre dos caminhos de ilustre amanhecer onde nos renovamos e juntamos a nosso viver o sagrado de saber e querer ser: Arte. Liberta. Arte, construindo-se no interior de cada momento partilhado.

O Mário morreu, faz este mês 10 anos. É uma grande-grande dor, a sua ausência. Faz-nos falta o seu sentido, a vertical maneira de dizer alto e diante de muita gente "este leite está azedo", na forma e no gesto d'humor, de amor.

Fica-nos, a mim, ao Nuno Espinho e à Graça Rodrigues (que dele tem memórias não vividas mas vivas como carne), a certeza de que continua poeticamente acompanhando este navio cheio de espelhos que fomos erguendo ao longo dos anos. E isso não é nada pouco.

Carlos Cabral Nunes - Outubro, 2016



Mário Cesariny, fotografado na sua casa-atelier por Eduardo Tomé em 2004

